## LIVORNO, O JAZZ E O FOGO SAGRADO

### Entrevista com Andrea Pellegrini

(curada por Enzo Boddi, traduzida do italiano por Andrea Musio)



Andrea Pellegrini na Terrazza Mascagni de Livorno (foto de Giacomo Innocenti)

Como muitas cidades portuárias, Livorno possui uma identidade cultural aberta, híbrida. Desde a emanação das *Leggi Livornine* (1591-1593) por obra de Fernando I de Médici, Livorno tornou-se num porto franco, abrigando judeus sefarditas, gregos, arménios e outras etnias. Ao longo dos séculos, esse carácter multi étnico marcou a sua atividade cultural, por dentro da qual se desenvolveu uma sólida tradição musical. A cidade de Pietro Mascagni e Piero Ciampi – como também de Amedeo Modigliani, Giovanni Fattori e Elio Taff – beneficia de um variado panorama jazz, cujas origens remontam ao começo do século XX. Membro emérito desse cenário é Andrea Pellegrini (Genova, 1963): pianista, autor e estimado professor, protagonista de iniciativas didáticas e performativas admiráveis, como por exemplo a longa experiência com a escola *Giuseppe Bonamici* de Pisa (concluída em 2010), da qual foi diretor por sete anos. Entre 2004 e 2015 foi

também membro do conselho de administração da *Associazione Italiana delle Scuole di Musica* (AIdSM) e seu representante na *European Music School Union* (pertencente ao *International Music Council* – UNESCO), único jazzista entre os delegados de vinte e sete nações. Aspeto bastante atípico, tendo em conta a propensão de muitos músicos de jazz italianos para desconfiar das organizações.



Andrea e Chiara Pellegrini (arquivo de família)

Junto com o irmão Nino, contrabaixista, Andrea pertence à sexta geração de uma família de músicos: os Pellegrini-Vianesi. O seu progenitor foi o oboísta Giuseppe Vianesi (1799-1883) e segue com os filhos de Andrea: Chiara, cantora jazz e folk, vencedora do *Global Music Festival* de Berlim com o trio feminino Faya, e Francesco, chamado «Maestro Pellegrini», cantautor e fagotista, que tem o seu primeiro disco solista a sair pela *Black Candy Produzioni*. Francesco colaborou com *Nada* e *Motta* e é membro dos *Zen Circus*, com os quais participou a *Sanremo 2019*.

Típico *livornense*, Pellegrini fala da sua cidade, da cena local e da educação musical em Itália com sagacidade e espírito crítico, afirmando contudo a especificidade e a abertura da linguagem própria e dos seus colegas concidadãos. Neste propósito, vale a pena citar um extrato do livro *Livorno*, *dalla Musica Americana al Jazz* (Erasmo, 2013), redigido por Pellegrini e Maurizio Mini: «o *jazz* 

*livornense* existe. É um vernáculo, um acento, uma nuance, não um dialeto ou uma língua, nem um género: no jazz é absolutamente normal que quem o faz adicione algo próprio, como nas receitas do *cacciucco*».

Pellegrini é também autor de um pequeno livro intitulado *Mirabolanti Avventure di un Jazzista* (Erasmo, 2014), publicado em conjunto com o álbum *Modigliani*: recolha de gostosos episódios que espaçam desde uma viagem aventurosa até Berlim numa Renault 4 F6 branca para assistir à queda do muro, até as lembranças do pai que, citando as suas mesmas palavras, «lhe ensinou o que é o jazz». Um outro exemplo de *livornesitá* e uma metáfora da natureza nómada do jazz.



Pellegrini com o filho Francesco (foto de Valentina Cipriani)

#### - Andrea, é inevitável começar pela história musical da tua família.

A coisa maravilhosa é a extrema variedade de estilos musicais aos quais a minha família se dedicou por mais de dois séculos. Giuseppe Vianesi introduziu umas novas chaves no oboé; Augusto Vianesi era diretor na *Operá* de Paris, no *Metropolitan* de Nova York e na *Covent Garden* de Londres. Ida Vianesi era pianista e o seu filho Giulio Pellegrini era organista e amigo de Mascagni. O meu pai Gianfranco cantava Sinatra e nos fez conhecer Parker, enquanto o meu tio Pierluigi – violinista e

pianista – tinha comprado um Fiat 1100 após a sua vitória no programa *Lascia o Raddoppia* adivinhando o *Nabucco* de Verdi no meio das gafes de Mike Buongiorno. Tudo isso deixou-nos um valor que transmito aos filhos e estudantes: respeito absoluto para cada estilo musical – porque a beleza pode se esconder em todo o lado – e, ao mesmo tempo, intransigência para a falta de autenticidade. Esta é a primeira causa da rijeza que podemos encontrar também nas músicas mais conhecidas. Temos que aprender a reconhecer a verdade e a falsidade antes do que é bonito ou feio, e antes demais ouvir e respeitar tudo.

#### - Um princípio fundamental, porventura não assim tanto respeitado na didática.

Esta visão é fundamental mesmo do ponto de vista didático, porque valoriza as escutas dos jovens sem prejuízos, educando ao senso crítico, ao uso do ouvido, à curiosidade e ao gosto para a pesquisa, essenciais para qualquer tipo de trabalho na música, quer tu seja um cantautor post-rock ou um clássico virtuoso, quer um compositor ou um improvisador. Neste último caso é até vital.

#### - E como o aplicas?

O meu método – sobretudo para o jazz ou, melhor, para o que se pode ensinar do jazz – inspira-se nos ambientes musicais que frequentei: a minha família, o *Siena Jazz* e os amigos. Sim: os amigos. Não se percebe quanto possa ser determinante o tempo empregado cantando e tocando com os amigos. As relações harmónicas elementares, a abordagem ao ritmo, a memorização de sucessões harmónicas e da forma, a afinação. Tudo isto pode ser cultivado nas experiências concretas da música que antes eram muito comuns: a música em casa, a música com os amigos. Poucas coisas simples mas fundamentais. Desconfio de quem sabe tocar o *Rach 3* (o concerto para piano e orquestra n.3 de Sergej Rachmaninov, ndr) e não sabe reconhecer os acordes de *Let It Be*. Como também acredito que quem conheça a discografia inteira dos Pink Floyd não sabendo ler a música, se perca muitas coisas. Tentei acender o fogo sagrado em todos os meus estudantes ou, no caso já o tivessem, preocupei-me em que o guardassem e o alimentassem. Sim, o fogo sagrado: porque quem sente a música assim tão profundamente que escolhe investir a própria vida nisso, tem como um fogo, uma carga, uma pulsão poderosa. E qual é o papel do professor senão aquele de trabalhar para que esse fogo não se apague e se alimente?



Andrea Pellegrini com alguns dos seus estudantes na Monash University de Melbourne (foto de Elisa Heusch)

#### - Interpretas o papel do professor como uma missão?

Numa certa forma acho que sou um professor de sucesso. Com certeza não do lado financeiro ou profissional. Os meus contratos estão no limite da legalidade e os rendimentos são geralmente vergonhosos, sendo uma miragem ter direito a férias ou doença por milhares de nós: coisas do terceiro mundo. Mas estou satisfeito porque me divirto e amo fazer apaixonar os jovens da música, coisa que deveria ser o objetivo principal de qualquer professor de música. Se alcançar isso todo, o resto não é difícil; se não conseguir, é muito difícil e inútil.

#### - A esse respeito, há professores que te inspiraram?

Tenho também eu referências e modelos, claro. Bruno Tommaso, com o seu amor para a música, o seu equilíbrio entre ironia, alegria, prazer em fazer música e rigor estético e técnico. Franco D'Andrea, um dos maiores pianistas jazz da história, com as suas bordas intrigantes, a sua pesquisa incansável, a sua humildade desarmante em conjunto com o seu conhecimento abismal que não contrasta, porque nada se aprende quando uma pessoa não é humilde. Nadia Boulanger, a melhor professora de todos os tempos, para a qual o jazz deve muito.

#### - E em relação às tuas escutas?

Oiço Ravel e Tenco, Ella Fitzgerald e Martha Argerich, *Elio e le Storie Tese* e Trovesi, os *Zen Circus*, *Nada* e Palestrina, e convido os meus estudantes a fazer o mesmo. Entre os quase cem temas do *Andrea Pellegrini Real Book*, em curso de publicação, há também composições meramente jazz, AABA, blues, como também canções para crianças que podem ser executadas no modo iónico ou no modo lídio, composições escritas, prelúdios, suites complexas e canções com letra em italiano. Ouvi todo isto e tenho que reproduzi-lo, obviamente à minha maneira.

#### - O que pensas do estado da educação musical no nosso país?

As minhas numerosas viagens convenceram-me da lacuna entre a enorme herdade histórica musical italiana e a situação atual, ainda gravemente insuficiente, da «cultura musical difundida». Vi, ouvi e toquei com mão isto todo: em Vilnius, Riga, Sydney, Michigan, em Bruxelas, Geneve, Lousanne, Budapest. È incrível notar quanto a música seja valorizada enquanto formação essencial do indivíduo quase em todo o lado e como, ao contrário, no nosso país seja considerada ainda o nada absoluto. Ironicamente e tristemente, isto se opõe ao imenso contributo que o nosso país deu à música, desde muito antes que fosse uma nação.



Pellegrini em concerto com o violoncelista Crispin Campbell (foto de Chiara Carboni)

#### - E de qualquer forma isso afetou o teu papel de professor?

Às vezes, eu mesmo tinha medo da profissão de músico. Lembro-me de uma em que Piergiorgio Pirro – meu estudante e do grande cravista Ottaviano Tenerani e formado também em informática – na viagem de regresso de Paris depois de uma atividade científica de três meses, me tinha dito: «Andrea, escolhi». E eu pensei: «é sempre assim: os jovens se desanimam. Ganha-se pouco, é uma profissão maldita. Irá-se embora e será um programador de sucesso na França». Ao contrário, ele: «deixo tudo, vou ser músico». Tive que me sentar. Disse-lhe: «o meu trabalho faz sentido desde que cada ano um o dois rapazes de cem me digam essas coisas; contudo, cada vez que alguém me diz isso, sinto-me desmaiar!».

# - Sublinhamos agora o papel de Livorno enquanto cidade multi-étnica e multicultural, e como isto se refletiu no seu património musical.

Os toscanos e os *livornenses* deveriam compreender melhor do que outros a natureza multi-étnica, multicultural e cosmopolita do jazz. Como Maurizio Mini e eu recontamos no livro Livorno, dalla «Música Americána» al Jazz, Livorno foi a primeira cidade italiana que hospedou um consolado americano. Os Estados Unidos comercializavam e colaboravam com a Toscana através do porto de Livorno desde bem antes de termos uma Constituição! As suas relações diretas com Livorno têm mais de trezentos anos. As trocas comerciais entre Livorno e os USA baseavam-se em exportações de obras de arte, cultura, moda, partituras, instrumentos, ferramentas, artesanato, livros, revistas, mas também profissionais, artistas, professores. Até o final do século XIX, os USA absorveram as outras culturas formando o famoso melting pot. Apenas no século XX começaram a espalhar cultura, conhecimento próprio e autónomo, e o jazz é o fruto mais original desse processo. Os músicos italianos que moravam nas cidades portais, especialmente no sul, em Genova e Livorno, tiveram parte ativa para o desenvolvimento do jazz. Entre os decanos do proto-jazz de New Orleans, havia Joe Alexander, que se chamava Giuseppe Alessandra e era napolitano. O livornense Romano Romani tornou-se num dirigente da Columbia Records; um outro livornense, Armando di Piramo, produziu *Just a Gigoló*, do pistoiese Leonello Casucci, e *It Had to Be You*. Nós primeiros não o sabemos ou não acreditamos, mas estávamos lá! Junto e ao lado de judeus e africanos, havia toscanos, *liquri* (da região Liguria) e *meridionali* (termo genérico para as pessoas do sul Itália, ndt).

- Efetivamente, o caráter multi-étnico e sincrético do jazz das origens é subestimado ou até ignorado.

O jazz compreende elementos ligados às músicas folclóricas, às músicas das bandas sinfónicas e às danças do Mediterrâneo e da Itália. Num sentido moderno, o jazz nasceu em New Orleans por dentro da confluência de elementos sinfónicos italianos e europeus, elementos académicos europeus, elementos africanos populares e cultos. Sim, também cultos, porque os africanos têm uma cultura, aliás, muitas; não são «bons selvagens», com respeito a Polillo. Mas os estilos do proto-jazz nasceram nos navios escravistas, comerciais e turísticos. E nesses navios havia muitos músicos italianos (livornenses, genoveses e pessoas do sul, sobretudo) e europeus. *Novecento* de Alessandro Baricco representa muito bem aquela atmosfera. O pianista Novecento é uma metáfora do jazz mesmo. Livorno «Cidade das Nações», com as *Leggi Livornine* do final do século XIV, com uma tolerância religiosa sem iguais no Ocidente de outrora, única cidade europeia que não teve um gueto judeu mas sim representações oficiais de cada nação e religião, deu vida a movimentos musicais incríveis. O primeiro quarteto de arcos da história, constituído seguindo o traço da forma das *Sonate a quattro*, era composto por dois livornenses (Giuseppe Maria Cambini, viola, e Pietro Nardini, violino) e dois *lucchesi* (da cidade de Lucca, ndt) (Luigi Boccherini, violoncelo, e Filippo Manfredi, violino). Era um quarteto assim tão reconhecido que foi chamado de *Quarteto Europeu*.

#### - Mas os livornenses quanto estão conscientes dessa herança?

Os livornenses de hoje em dia (administradores *in primis*) não estão absolutamente conscientes. Os italianos deveriam tomar consciência o quanto antes possível das próprias raízes culturais e da própria identidade, que são principalmente baseadas na música e nas artes, não no futebol, a televisão, a indústria maciça, a fofoca política de talk show ou os Suv. Hoje, as cidades de província como Livorno são devastadas pelo quase nada e por uma regressão económica assustadora. Temos que recomeçar pelas bandas sinfónicas, pelo teatro, pela dança, por todas as músicas e as artes performativas para ter pessoas mais dispostas às mudanças, e por isso mais economia e riqueza, redescobrir a identidade. A extrema variedade de estilos do jazz e das músicas derivadas são traços inconfundíveis do cosmopolitismo livornense.

#### - Podes fazer uns exemplos atuais?

As visões elétricas, deslumbrantes de Gabrio Baldacci e a abordagem étnica, afro-espiritualista de Dimitri Espinoza. O post-free maravilhosamente onírico e cerebral de Beppe Scardino e o sabor residual de jazz de muitas coisas de Piero Ciampi, redescoberto nos últimos anos. A elegância *Blue Note* de Alessandro Marchetti e o mainstream complexo e refinado de Mauro Grossi, como mostram muitas das suas composições de cores diferentes: meta-tonais, post bop, post funky, até a

sua obra prima *Eden*, em que atua diferentes versões de *Nature Boy*. O estilo à *Mingus* e lírico do meu irmão, o *drumming* físico e variado de Daniele Paoletti ou aquele mais rigorosamente *Swing Era* de Renato Ughi. O swing diáfano mas sensual de Mattia Donati e as minhas músicas, que se inspiram por todo o lado. A personalidade musical extra-jazz mas aberta, física, rigorosa e selvagem do trompetista Filippo Ceccarini e o free de Steve Lunardi, até os coletivos que experimentam, procuram, agitam-se. A beleza é a procura, como nos ensinam as estrelas. Tudo isto, é Livorno. A outra Livorno é a morte civil.

### - É correto afirmar que nos últimos anos Livorno se tornou num ponto de agregação para uma pequena comunidade jazzista formada também por «estrangeiros» como Tony Cattano, Silvia Bolognesi, Emanuele Parrini?

É a verdade. Tento sempre desencorajar quem queira mudar para cá, porque não há mais trabalho para os músicos. Contudo, muitos escolhem estabelecer-se aqui, atraídos pelo mar, pela aparente abertura mental dos livornenses, pela aparente facilidade de criar relações. De facto, faz tempo que Livorno virou fechada, supersticiosa, provincial até ao paroxismo. Considera-se comunista mas adora a Virgem e usa ainda os ex voto. Tem um bispo que toma medidas aberrantes, antigas e preconciliares. É uma cidade que poderia ter, como nos séculos XVII e XVIII, a beleza das pequenas aldeias da Toscana e das cidades modernas. Ao contrário tem o feio das vilas de província e das metrópoles. E a música definha, sem fôlego. Não estamos ligados, não nos vemos, não tocamos, senão fora. O declínio foi lento e irrestringível para todo o curso do século XX: abolição do porto franco, crises bancárias desastrosas, fascismo, guerras, bombardeamentos terríveis como aqueles do 1943 que destruíram metade da cidade. E depois o delírio italiano dos anos setenta e seguintes: a corrupção, as máfias e as *mafiazinhas*, as segundas duas décadas, aquelas do Berlusconi. Antes, as pessoas tocavam e se confrontavam em vários locais. Nos anos setenta e oitenta nasciam artisticamente Bobo Rondelli e Mauro Grossi. Chegavam os estrangeiros: desde Peter Kowald até Herbie Hancock, desde Tristan Honsinger até Gerard Presencer, desde os exponentes do free radical até os Jazz Messengers. Todos chegavam para tocar, como também para colaborar com os músicos locais. Depois disso, o lento declínio. Ninguém nunca mais interessou-se da cultura e cá estamos: a cidade com a deflação maior de Itália, morta, deserta no domingo e nas noites. Livorno progressista, iluminista, esotérica, mercantil, da vanguarda cultural e tecnológica? Livorno traída, Livorno esquecida como uma guitarra deixada por aí.



Capa do álbum dedicado aos Macchiaioli (gráfica de Silvia Pierozzi)

- Em relação à identidade livornense e toscana no geral, qual é o legam com os *Macchiaioli*, nos quais traíste inspiração para um dos teus trabalhos como titular?

O album *Progetto Macchiaioli* (Nuovo Jazz Italiano, 2008), reeditado no ano passado, pertence a uma série de produções realizadas com o *Quintetto Livorno*. Publicámos a seguir *Modigliani – Il Tratto, l'Africa e Perdersi* e *Fino all'Ultimo Minuto: le Musiche di Piero Ciampi in Jazz*. Criei esse grupo com Tino Tracanna (livornense e músico que amo), o meu irmão Nino e outros músicos livornenses de nascimento ou adoção que se alternaram nos anos: Dimitri Espinoza, Riccardo Jenna, Tony Cattano, Michele Vannucci, meu filho Francesco «Maestro Pellegrini» no fagote (com o qual tenho também o *Duo Magenta*, com composições minhas e músicas improvisadas). Julgo que

para se conhecer a si mesmo, seja preciso pôr-se em relação, em particular com algo ou com quem te rodeia. Foi assim que pensei que poderia ter sido interessante me confrontar com outros artistas da minha terra: Fattori, Modigliani, Ciampi. Livornenses, porque vivo aqui desde sempre, apesar de ter nascido em Genova. Os álbuns sobre Modigliani e os *Macchiaioli* contêm temas inspirados aos quadros e às vidas destes artistas colossais, escritos um pouco por imitação, um pouco por sugestão. O disco para Ciampi inclui temas do grande Gian Franco Reverberi em versão instrumental. Foi premiado no *Premio Ciampi 2016* pelo mesmo Reverberi, do qual me tornei amigo e é um disco sobre o qual estou a realizar uma série de transmissões para a rádio suíça e um filme. Tenho também esta paixão para o recontar, coisa que ponho em relação com o meu modo de improvisar e escrever música.



Pellegrini com Gian Franco Reverberi (foto de Chiara Carboni)

#### - Podes falar-me sobre o teu legam artístico e humano com Paul McCandless?

Paul McCandless é um dos maiores músicos da segunda metade do século XX. Tornar-me amigo dele e ter trabalhado junto a ele são duas das coisas mais lindas da minha vida. Paul é um mestre,

um amigo e um companheiro. É rigoroso e doce, esperto e sempre curioso. Tem uma formação clássica e uma longa experiência no jazz, nas músicas baseadas na improvisação, no *New Age* com o *Paul Winter Consort*. É um bocado o meu herói. Uma pessoa que percorre uma estrada parecida à minha (*Fondere, confondere, rifondere e infine rifondare / l'alfabeto della vita sulle pietre di miele della bellezza*. Claudio Lolli), mas que está a quilómetros de distância: um leader humilde, um explorador. Música significa buscar e uma pessoa não se torna num verdadeiro músico se não o faz. Gravámos juntos um álbum de composições minhas, *Middle Earth* (que contem a *Suite Tolkieniana*, da qual me sinto particularmente satisfeito), e *West Coast*, com músicas minhas e do meu amigo Marco Cattani: é sua a obra prima *Macea*, para corno inglês e guitarra; minha é a suite *Le Cinque Terre*. Uma outra coisa que me ata ao Paul é o polinstrumentismo. Longe de ter a sua habilidade com outros instrumentos que não sejam o meu principal, o piano, ainda assim amo praticar o contrabaixo e muito mais, toquei a guitarra por décadas. Tocar mais instrumentos é um ótimo hábito. Abre a cabeça, ajuda-te a perceber as abordagens dos outros instrumentistas, ensina-te a escrever, desenvolve o ouvido interior e o ouvido absoluto.



Pellegrini com Paul McCandless (foto de Francesco Bertoli)

#### - Junto ao McCandless, estás a preparar outros projetos?

Temos na gaveta o sonho de gravar o seu *Concerto para Sax Soprano*, Piano Jazz e Orquestra Sinfónica, inédito. Trabalhámos muito em duo e com o meu grupo alargado Ainulindale, um grupo adormecido como muitíssimos outros grupos interessantes em Itália hoje em dia, também porque volumoso: duas flautas, vários sopros, violoncelo, rítmica alargada com duas baterias. Vem espontâneo escrever coisas complexas: formas longas, mais linhas, composições articuladas em mais movimentos, como também algumas coisas de Paul. Ou de Bruno Tommaso, um outro amor meu, um gigante da música instrumental italiana moderna, jazz ou não. Uma pessoa à qual deveria ser entregue o trabalho de rescrever o hino de Itália!

#### - Paramos agora na tua experiência didático-performativa na Orchestra Bonamici.

Um dos coletivos musicais pseudo-jazz nascidos nesta zona, talvez o primeiro; foi sem dúvida o gruppone, aliás the group one, a Orchestra Atipica Jazz Bonamici, ligada àquela fantástica realidade que é a escola de música Bonamici de Pisa, onde trabalhei até 2010. uma espécie de Scuola del Testaccio toscana, nascida no mesmo período (os fantásticos, contraditórios mas vitais anos setenta), que evoluiu vertiginosamente nos anos noventa e nos primeiros de 2000, com quinhentos estudantes, trinta e cinco professores, sessenta e sete cursos reconhecidos pela região Toscana e dezoito grupos de música em conjunto: tudo sem financiamentos públicos. Além disso, construí um número incrível de contactos internacionais, produções, cursos: desde o Fischio Musicale de Tommaso Novi até à música antiga com instrumentos originais, desde as experiências de música culta contemporânea mais ousadas até De André e obviamente ao jazz. Uma escola dotada de um jornal e de uma organização que é ainda um modelo para tantas outras. Pisa, a cidade universitária, culta e antiga, e Livorno, a cidade moderna, mercantil, aberta, encontravam-se musicalmente nessa dimensão entre o didático e o produtivo, por metade jazzista e avant-garde. Era uma orquestra baseada no duplo, na relação entre diversos: havia estudantes e professores; partes escritas e partes improvisadas também sobrepostas; didática e produção. Era séria e divertida: eu era diretor e amigo. Tínhamos duas baterias, dois baixos, dois teclados, madeiras e sopros, instrumentos elétricos e acústicos. Fizemos milagres: publicámos três álbuns revisados em todo o lado (Disordini di Confine, Interferenze, Malcontenta e Altre Storie, ndr), inaugurámos o Festival Instabile junto a Misha Mengelberg, ao Instant Composer Pool e à mesma Instabile Orchestra no estupor geral de quem estava à espera da orquestra de uma escola, eu respondia: «Mas é a orquestra de uma escola!». Irei publicar proximamente em cd as minhas composições criadas para essa formação e extraída daqueles três trabalhos. Nesse grupo fantástico tocavam os jovens Beppe Scardino, Gabrio Baldacci, Daniele Paoletti, Elisa Azzará, Mirco Capecchi, Piergiornio Pirro, Giulio Carmassi, Alessio Bianchi, Giacomo Riggi – todos hoje profissionais efirmados - e músicos aos quais se deve muita energia: Marco Bartalini, Riccardo Jenna, Daniele Nannini, Dimitri Espinoza, Stefano Franceschini, Piero Bronzi, Cristiano Calcagnile, Luigi Pieri, o meu irmão Nino, Lucia Neri.



Pellegrini dirige a Orchestra Bonamici no Barga Jazz (foto de Laura Pupeschi)

# - Poderias adicionar algumas considerações e/ou avaliações sobre os progressos alcançados por alguns dos teus ex estudantes?

É evidente a extrema variedade de percursos corridos por músicos que hoje em dia são artistas, mas que foram crianças ou rapazes quando estudavam música comigo e com os meus amigos e colegas Ilaria Bellucci, Dimitri Espinoza e o meu irmão Nino, e aliás em muitos casos também nos conservatórios, na Siena Jazz ou algures. Isto para mim é uma confirmação: é um erro educar músicos padronizados, consoantes ao pensamento musical único. O desafio está em fazer encontrar a eles a própria estrada. Francesco Motta, em arte *Motta*, ganha prémios sobre prémios enquanto cantautor (dois *Premio Tenco*; prémio da noite duetos, com *Nada*, em Sanremo 2019) e ama a

música como um louco: objetivo alcançado! Tommaso Novi desenvolveu a técnica e a didática do Fischio Musicale, experiência inaugurada nos anos mágicos da Bonamici, também no Conservatório de Firenze onde ensina. Além de ter animado por muitos anos aquele grupo maravilhoso de swing vernacolare chamado de Gatti Mezzi em conjunto com Francesco Bottai, agora é leader de vários projetos de sucesso, com ironia, doçura, sinceridade total, ótima técnica pianista e vocal e grande sentido musical. Beppe Scardino vinha da Dinamarca, onde tinha estado alguns anos. Estudava na Bonamici. Pedi-lhe para fazer a transcrição de dois temas complexos do cd Guamba de Gary Peacock, com Palle Mikkelborg, Jan Garbarek e Peter Erskine. Fez um trabalho perfeito. Grande ouvido e musicalidade natural. Entrou logo a seguir nas aventuras musicais de Dimitri Espinoza e atualmente percorre estradas não tonais, post nucleares. Grava e trabalha muitíssimo. Gabrio Baldacci é um génio, não digo mais. Giacomo Riggi viaja pelo mundo e é um talento espantoso: toca tudo, escreve sinfonias, quartetos de arcos, operine, sonatas para violoncelo. Daniele Paoletti experimenta com a eletrónica e com técnicas de Dj aplicadas à improvisação, também com Silvia Bolognesi. Mattia Donati trabalhou muito e gravou várias vezes com Nico Gori. Mirco Capecchi trabalha com os *Note Noire* a um nivel internacional. Em relação ao Giulio Carmassi, chega dizer que fez uma tour mundial com o Pat Metheny Quintet. Seja bem claro, não foram apenas estudantes meus e o meu contributo à formação deles é parcial. Mas estou feliz se penso no fato de ter deixado eles duas coisas: por um lado o amor para a música, poderoso, profundo, como se fosse uma missão, e por outro a necessidade de procurar a si mesmos, a própria estrada, com honestidade mas com força, com respeito para o resto todo mas com coragem. Uma característica que os junta é a experimentação sobre o timbre de vários instrumentos. São um pouco todos poli-instrumentistas. No caso em que não são (como naquele de Gabrio), experimentam muito sobre os sons, sempre e sempre. O som é a vida. Se calhar dei-lhes um impulso neste sentido mas, repito, não é apenas por minha causa. Contudo, muito cedo irei organizar um jantar com *cacciucco* e ponche alla livornese onde nos encontraremos de novo.